

## ***A ratio studiorum* do Colégio das Artes, nos primeiros anos em que esteve sob orientação da Companhia de Jesus (1555-1561)**

Quando, em 1555, D. João III entregou a orientação do Colégio das Artes de Coimbra, inaugurado em 1548, à Companhia de Jesus, o orador escolhido para compor e pronunciar a oração de sapiência de abertura do ano lectivo, no dia 1 de Outubro, foi o padre valenciano Pedro João Perpinhão <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Pedro João Perpinhão, natural de Elche, próximo de Valência de Aragão, vivia em Portugal havia quatro anos, pois, tendo aderido à Companhia de Jesus em 1551, fora prontamente enviado para Coimbra (juntamente com seu irmão, Luís Perpinhão, que também seguira o mesmo caminho), para o Colégio de Jesus, para aí fazer o noviciado. Em 1553, fora transferido para Évora, para o Colégio do Espírito Santo, também sob orientação da Companhia, e aí leccionara retórica e grego; aí pronunciara ainda a oração de sapiência de abertura desse ano lectivo de 1553, diante do Cardeal D. Henrique, patrono do Colégio. Em 1555, regressara a Coimbra, para o Colégio das Artes, para aí desempenhar as funções de professor de latinidade das classes mais avançadas e de orador em sessões solenes. Além desta oração referida, *De Societatis Iesu gymnasiis et de eius docendi ratione*, pronunciou, ainda nesse ano, a oração fúnebre do Colégio à morte do Infante D. Luís, irmão de D. João III, *Laudatio funebris Ludouici Principis*, e as orações comemorativas do dia da Rainha Santa, em 1557, 1558, 1559, instituídas por decisão régia, *Laudationis in Beatam Elisabetham Lusitaniae Reginam libri tres*. Em 1561 partiu para Roma, onde viveu os cinco anos seguintes, como professor, tradutor e orador, e o último período da sua vida passou-o, discursando, ao serviço da Companhia, entre Lyon e Paris. Morreu em 1566, aos 36 anos, deixando obra significativa.

A *Oratio de Societatis Iesu gymnasiis et de eius docendi ratione* tinha por principal objectivo, nesta data e nas circunstâncias em que foi dita, demonstrar e justificar os motivos que tinham levado D. João III a entregar o Colégio à Companhia e a dedicação desta ao ensino. Perpinhão desvendava, em traços muito gerais, as características do que era, então, o projecto de ensino jesuíta, que seria aplicado no Colégio. Referiu apenas, no entanto, as disciplinas a estudar, o modo de as estudar e o perfil do sábio e mestre.

A oração referia sucintamente as intenções dos jesuítas no respeitante aos métodos a seguir no Colégio de que estavam para se responsabilizar. Alguns anos mais tarde, porém, em 1565, quando já vivia em Roma, Perpinhão foi solicitado por um seu antigo companheiro de Coimbra, Francisco Adorno, no sentido de descrever o método de ensino seguido nos anos em que aí vivera e trabalhara, isto é, entre os anos 1555 e 1561. Apenso à sua resposta a Adorno, segue, então, o opúsculo que intitulou *De ratione liberorum instituendorum litteris Graecis et Latinis*, que resulta da sua experiência lectiva em Coimbra e das suas lembranças de estudante, dando conta do que se praticava no Colégio das Artes, durante aquele período <sup>2</sup>.

A descrição do que se passava em Coimbra, neste período, revelava, antes de mais, a obediência aos preceitos estipulados pelo fundador, Inácio de Loyola, relativamente ao ensino, veiculados pelas *Constituições da Companhia de Jesus* (nomeadamente pela IV Parte, na qual se expõem as regras, as leis fundamentais para a educação e o ensino, nos colégios da Companhia, os fundamentos para a formação literária e científica dos padres e dos estudantes) e também por cartas de instruções que aquele regularmente enviava às Províncias já existentes. Mas revelava também continuidade com a prática instituída pelos antigos professores, vindos de Bordéus e de Paris.

O opúsculo é composto por nove capítulos: o primeiro, *De magistro*, centra-se nas qualidades do mestre. O segundo, *De Arte Grammatica*, incide na escolha (ou na composição) do manual de gramática a adoptar, que deve fazer-se tendo em consideração a simplicidade, clareza e utilidade. O terceiro, *De Grammatica tradenda*, sobre o ensino da gramática, aconselha a começar-se pelo

---

<sup>2</sup> Esta carta, com o pequeno tratado, faz parte da correspondência incluída no tomo III das *Opera*, editadas por Petrus Lazerus, pp. 83-110 (vd. Bibliografia).

mais simples e a avançar aos poucos, de dia para dia, para o mais complexo (sem se negligenciar, porém, a matéria anterior). O quarto, *De Litteris Graecis*, debruça-se sobre o estudo do Grego que, defende, deve seguir o do Latim. O quinto, *De Rhetorica*, incide sobre o ensino da retórica. O sexto, *De auctoribus*, um dos mais extensos, é uma enumeração e uma justificação da escolha dos autores recomendados no Colégio. O sétimo capítulo, *De explicandi et audiendi ratione*, adianta alguns conselhos sobre a forma de explicar e de aprender: de forma simples e clara, com muitas repetições de todas as matérias, com maiores preocupações com a prática que com a teoria, com linguagem polida e elegante, baseando-se na prelecção, na explanação dos autores e dos textos. O oitavo capítulo, o mais extenso, *De exercitatione*, alonga-se sobre os exercícios a realizar pelos alunos; a aprendizagem deve ser marcada por muitos exercícios, tanto fora como dentro das aulas. Esses exercícios deviam ser cuidadosa e criteriosamente corrigidos pelo mestre, de modo a não deixar escapar erros, não elogiando demasiado, nem criticando excessivamente, para não levar os alunos a um orgulho desmedido, nem ao desinteresse. O último capítulo, *De Studio puerorum*, fala brevemente de algumas formas de motivação dos alunos e revela a preocupação que deve dominar o mestre, relativamente à personalidade de cada criança, questão que tinha já aflorado em capítulos anteriores.

## O mestre

É significativo o facto de, no pequeno tratado de Perpilhão, a que nos referiremos como *Carta*, o primeiro capítulo ser relativo ao mestre, pela importância que tem o seu entusiasmo, a sua sabedoria e domínio da matéria que lecciona, o seu pragmatismo e o seu papel exemplar, pela integridade da sua vida, verdadeiro exemplo junto dos alunos, crianças ou adolescentes, cujos espíritos estão em idade de ser moldados. O mestre deve ser, antes de mais, «de costumes íntegros, de entusiasmo ardente, de talento penetrante, de cultura requintada», muito prático e com os pés bem assentes na terra, bom conhecedor daquilo que ensina, bom escritor e bom falante<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> O texto de Perpilhão diz:

*Ante omnia magister deligendus est, integris moribus, flagranti studio, ingenio acri, litteris exquisitis, qui non communium paedagogorum more*

Para se poder moldar o espírito dos meninos, para os formar na mais correcta ortodoxia, é necessário que os mestres ostentem um modo de vida, um comportamento que se oriente no sentido da virtude, dos bons costumes. Da importância de que se reveste aos olhos de Perpinhão, neste aspecto, o papel decisivo do mestre e da educação dos meninos, para os tornar bons católicos, são elucidativas algumas passagens de cartas particulares escritas a familiares e amigos, como esta, extractada de uma que escreveu ao chegar a Roma, ido de Coimbra, em 1561:

*La noche antes que de alli partissemos, serian bien las nueve horas, hablando com un hombre que estaba aposentado en el mismo meson, entendi que era maestro de gramática, y de la mala canalla de los ciegos Uganaus. Mucho deseé hazerlo saber a los Regidores por el mucho daño que podia hazer con tal officio; pero ni la partida dió lugar, ni lo tuve por cosa segura, por quanto en aquella tierra no sabeis aquel com quien ablais, si es cathólico ou herege. Ansi nos partimos el Lunes com buena mañana, co harto dolor de coraçõn por no aver podido remediar perdicion tan clara de las ánimas innocentes de los niños.*

(Carta enviada aos companheiros que ficaram em Coimbra, em 1561, quando chegou a Roma, inserta num códice da Biblioteca de Évora, transcrita em Gaudeau, *op.cit.*, p. 149)

## Programas

A *Carta* de Perpinhão ocupa-se apenas dos estudos humanísticos, do latim e do grego, entendendo-se por estudos humanísticos a Retórica, além da Gramática, disciplinas de que aquele se ocupou como professor. Ao falar delas, Perpinhão não especifica que se trata da Retórica e da Gramática latinas, porque é dado assente, neste período, que, quando se fala em gramática, se fala da latina. Constituía a base do ensino, a base dos estudos preparatórios para a universidade, para os estudos superiores.

---

*tempus omne contriuerit in nugis aut somniis delirantium Grammaticorum; sed et praecepta pauca, eaque ex optimis quibusque auctoribus in promptu habeat; et scriptores elegantissimos cuiusque generis, Poetas, Historicos, Oratores penitus cognoscat; et sit ipse tum in loquendo, tum in scribendo bene exercitatus.* (Cap. I, p. 88).

As matérias a estudar nos colégios da Companhia, porém, eram mais vastas, segundo as *Constituições*, que nomeavam a Lógica, a Filosofia Natural e Moral, a Metafísica, a Teologia, a Sagrada Escritura, para além dos estudos humanísticos (IV, 351-352). As mesmas *Constituições* (IV, 366-368) prescreviam também, seguindo as regras pedagógicas do séc. XVI, determinada ordem no estudo dessas matérias; devia estudar-se a fundo uma disciplina de cada vez (*non nisi unum uno tempore*) e só quando a anterior estivesse perfeitamente assimilada e consolidada é que se poderia passar para a seguinte; estudavam-se primeiro as Humanidades, depois as Artes, depois as outras matérias mais complexas e elevadas, como a Teologia.

Eram as Humanidades e as Artes que se estudavam essencialmente no Colégio das Artes, tanto sob a orientação dos jesuítas, como a dos professores que os tinham precedido nas suas funções, «bordaleses» ou «parisienses». O latim constituía o fulcro dos estudos de Humanidades, uma vez que era língua internacional de comunicação entre letrados e gente de várias proveniências e a base da preparação para estudos superiores e matérias mais profundas. Da sua importância fala Perpinhão, não só na *Carta*, como também, se bem que menos detalhadamente, na *Oratio* que pronunciou em 1555. Ao latim dedicam-se vários anos e todo o tempo possível. Quanto ao grego, estudado subsidiariamente, por ser língua de onde manou o latim, devia estudar-se pelos mesmos métodos deste. Doutras línguas, como o hebraico (que se estudara no Colégio das Artes nos anos anteriores), não faz Perpinhão menção na sua *Carta*.

E porque, não apenas o conhecimento das ciências mais obscuras, como a habilidade de falar, manou dos Gregos para os Romanos, é necessário conjugar, como M. Túlio prescreveu ao filho, as letras gregas com as latinas. Ainda que eu discorde absolutamente de Quintiliano, que quer antepor, na ordem, a gramática grega à latina; isso terá sido útil, então, para aqueles homens, para quem a língua latina era materna e natural; neste momento, porém deve reconhecer-se que não seria proveitoso. E, assim, considero que não se deve começar o ensino das letras gregas, antes de toda a gramática latina ter sido abarcada pelo espírito e firmado o método de escrever latim, pela prática e pelo exercício. Sobre as restantes coisas que disse sobre as latinas, essas mesmas se devem aplicar ao estudo das letras gregas.

## A Gramática

O segundo capítulo da *Carta* debruça-se sobre as características da Gramática a utilizar para o ensino da latim; no geral, elas devem ser as seguintes:

*(...) e que ela não esmague a inteligência dos meninos, pela extensão e multidão de preceitos, nem os mergulhe no desespero, pela sua obscuridade, nem lhes impeça o progresso, pela série de disputas sobre coisas de pouco uso ou de outras questões, ou pela variedade de opiniões, nem os habitue a falar de forma corrompida, quer por causa dos preceitos, quer pelos exemplos de um discurso contaminado. Pelo contrário, que sirva a memória pela brevidade, que convide a aprender pela perspicácia, que ajude a inteligência pela simplicidade do ensino, que alimente a pura e incorrupta integridade e elegância do discurso latino. ( Cap. II, p. 89)*

Deve caracterizar-se por tentar simplificar o estudo, não o sobrecarregando com demasiada informação inútil para as necessidades; deve adaptar-se à inteligência e às capacidades dos alunos, acompanhando a sua progressão na aprendizagem; deve apresentar a matéria de forma simples, clara e elegante. Além disso, tudo deve estar fundamentado nos bons autores latinos, de preferência nos mais reputados e polidos, e não tanto nos historiadores e poetas, cujas características devem evitar-se na conversação comum.

Essa Gramática poderia ser escolhida entre as já existentes à disposição dos estudiosos, ou composta para o efeito, se nenhuma se mostrasse conveniente, como o dizem quer a *Carta*<sup>4</sup> quer as *Constituições* (IV,§ 466).

Perpilhão tomou à letra as palavras do fundador e autor das *Constituições* e aconselha, por exemplo, como obra a escolher e a seguir religiosamente, para o ensino das regras de Retórica, a que fora composta por um dos padres da Companhia, Cipriano Soares<sup>5</sup>, seu contemporâneo e colega em Coimbra:

---

<sup>4</sup> *Ars deinde litterarum, magna cura uel de multis eligenda, uel, si nulla reperietur idonea, componenda est (...)*, Capítulo II, p. 88.

<sup>5</sup> A obra de Cipriano Soares foi publicada em 1562, quando Perpilhão já se não encontrava em Coimbra, pelo que, no período a que se reporta o opúsculo, ela não era ainda oficialmente adoptada no Colégio, porque ainda não estava editada. O que provavelmente aconteceu foi que o autor a teria já esboçada, a partir até da

*Quanto aos preceitos de Retórica, não aprovo nenhuma Gramática composta com brevidade, ainda que existam muitíssimas, a não ser a que Cipriano Soares, homem da nossa Companhia, editou em Coimbra, nos últimos anos, composta prudentemente quase com as palavras dos próprios, a partir dos três autores mais louvados, Aristóteles, Cícero e Quintiliano, e que agora, em Veneza, junto de Tramósio, cuidamos para que venha a ser editada. Esta Gramática destes três autores que acima nomeei, considero-a perfeitaíssima. (cap. VI, p. 99)*

A ordenação da matéria gramatical apresentada no 2.º capítulo do opúsculo, demonstrativa do rumo que se seguia no Colégio das Artes, no seu estudo, obedece à mesma ordenação que Manuel Álvares lhe dá, na sua *De institutione Grammatica*, que viria a ser publicada pela primeira vez apenas em 1572, em Lisboa. Não é de admirar que assim seja, pois ambos, (Perpinhão e Manuel Álvares) tinham sido professores de Latim nas mesmas escolas e tinham de necessariamente conjugar esforços e provavelmente planificar e ordenar a matéria em conjunto. Foi muito provavelmente desta prática conjunta dos professores de latinidade dos colégios por onde passou que M. Álvares sofreu a inspiração para a composição da sua gramática. Os objectivos a que ele obedece são os mesmos que enformam o ensino tal como o defende Perpinhão.

*Questo metodo o spirito informatore, (...), può compendiarse nelle seguenti qualità (iniziate già dal Nebrija, e dall'Alvares perfezionate):*

- 1) sforzo di rendersi indipendente dai metodi ed errori dei grammatici latini della decadenza, generalmente conservati e seguiti alla cieca durante tutto il Medio Evo;
- 2) fedeltà ai buoni autori dell'antichità classica, dalle cui opere l'Alvares (como già gli Umanisti) attinse direttamente come al fonti più pure dalla pura latinità;
- 3) orientazione costante della grammatica al conseguimento del dominio pratico della traduzione e composizione latina, scritta e parlata; orientazione che ne fa una gram-

---

sua prática lectiva contemporânea de Perpinhão, pois foram, durante alguns anos, colegas de docência. Os preceitos que depois passou ao papel e deu à estampa seriam provavelmente aqueles que ensinava nas suas aulas. Essa obra revia-a Perpinhão em 1565, como diz na própria carta em que se insere o opúsculo, para ser editada em Roma.

matica descritiva *del latino letterario – classico, con svolgimento ciclico, conforme alle prescrizioni della Ratio Studiorum dei Gesuiti.*

(...) *E um metodo razionale: esposte brevemente le regole, vi aggiunge in corsivo Appendici e Commentari pieni di osservazioni e spiegazioni storiche, filologiche, pedagogiche per i professori; il che denota studio intenso e scrupoloso, lettura accurata e minuziosa degli autori e grammatici, erudizione singolare. Nella sintassi espone nitidamente le regole, le prova con esempi, vi aggiunge una o più appendici con regole più difficili e con eccezione. E una gradazione di difficoltà: le regole comuni le accomoda alla capacità di tutti gli studenti; le appendici invece le riserva per gli scolari più capaci e più preparati, e per i professori. Tutta la grammatica comprende tre libri: l'etimologia e morfologia, la sintassi e la prosodia. Solo la morfologia è intersecata di esametri per uso mnemonico, il resto è in prosa. (Emilio Springhetti, «Storia e fortuna della Grammatica di Emmanuele Alvares, S. J.»)<sup>6</sup>:*

A Gramática de Manuel Álvares não estava ainda escrita, só seria publicada alguns anos depois, com grande sucesso; teve uma vida longa e muita sorte, como mostram as muitas edições ao longo dos séculos; fora a primeira a romper com as futilidades dos gramáticos bárbaros. Pelo tamanho da obra, devido às muitas fontes, antigas e modernas, consultadas, o mestre encontrava ali muitos ensinamentos preciosos, reunidos num livro fácil de consultar<sup>7</sup>.

Para uso dos alunos, pois, Perpinhão considerava como mais adequada a que se usava, já antes de 1555, a Gramática de Thomas Linacre<sup>8</sup>, para determinadas matérias, e os próprios autores latinos para outras. A Companhia adoptava, nos colégios, as gramáticas dos humanistas, como a de Antonio de Nebrija (preferida pelos espanhóis), o Despautério e outras, mas sempre incentivou a redacção, pelos seus próprios padres, de uma gramática para uso dos colégios; registaram-se algumas tentativas, antes da adopção de

<sup>6</sup> *Humanitas*. Vol. XIII e XIV, Coimbra, 1961. Pp. 288-89.

<sup>7</sup> J. B. HERMAN, *La pédagogie des Jésuites au XVI siècle. Ses sources, ses caractéristiques*, Louvain, 1914, p.292.

<sup>8</sup> Buchanan, antigo professor do Colégio das Artes, utilizava a gramática de Linacre (que ele próprio traduzira), em Paris; tê-la-á levado para Bordéus e, depois, para Coimbra, onde Perpinhão a terá conhecido e adoptado, provavelmente (vd. DOMINGOS MAURÍCIO GOMES DOS SANTOS, *Jorge Buchanan e o ambiente coimbrão do século XVI*. Coimbra, 1962).

Álvares, nomeadamente as escritas pelo P. Andrea Frusius, pelo P. Coudret e pelo P. Ledesma, estampada em 1569 (vd. Springhetti, *op. cit.*).

O ensino da gramática devia assentar, de acordo com o opúsculo de Perpinhão, no princípio da gradação, isto é, a aprendizagem devia ser feita do mais simples para o mais complicado; os exercícios deviam começar por ser simples e aumentarem de dificuldade progressivamente, à medida que o aluno fosse mostrando progressos.

*Depois de bem compreendidas e assimiladas, por prática assídua, estas partes da Gramática, os meninos devem ser conduzidos para a Sintaxe, no ensino da qual se deve manter a mesma ordem que nas anteriores, acrescentando-se, entretanto, exercícios de declinação, de interesse geral, ou questões acerca dos rudimentos, dos géneros, das declinações, para que não escape dos espíritos dos meninos aquilo que aprenderam. Mas, já então, não só se deve explicar um autor de prosa um pouco mais sério, ou algum poeta mais fácil, como também se devem instituir, de vez em quando, exercícios de escrita mais longos.*

*Depois de terem claramente compreendido a forma de conjugar os verbos e começando também a escrever mais textos e mais corrigidos, deve explanar-se a última parte da Gramática que interessa para a composição poética. Não se deve desprezar em absoluto, todavia, o exercício das partes anteriores, principalmente da Sintaxe. Deve igualmente interpretar-se um poeta mais sério e mais difícil e, quando, nisto, tiverem avançado um pouco, é extremamente útil que eles se exercitem a compor poesia, em dias alternados. (Carta, Cap. III, p. 95)*

## Autores

Quanto aos autores a estudar nos colégios e universidades da Companhia, tanto a *Carta*, como as *Constituições*, são bem explícitas nos critérios a adoptar para a sua selecção. A *Carta* aconselha, logo no começo do Cap. VI, que é precisamente dedicado aos autores, que se rejeitem completamente os autores novos e recentes e que, dos antigos, não se escolham todos, mas apenas os melhores <sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> *Scriptores noui et recentes omnino reiiciantur. Antiqui tantum, ac ne hi quidem omnes, sed optimi quidem pueris exponantur* (p. 97).

As *Constituições* não fazem distinção entre autores pagãos e cristãos, tanto podiam ser excluídos ou admitidos uns, como outros (IV Parte, §§ 359 e 464-465).

Quanto aos textos a escolher, no campo das Humanidades, as *Constituições* não são muito precisas, ao contrário do que se passa na *Carta* de Perpilhão, que apresenta uma relação bastante detalhada dos autores adoptados em Coimbra e provavelmente noutros colégios da Companhia. Ambos insistem, porém, na necessidade de expurgar as obras de passagens imorais ou simplesmente de eliminar, para maior segurança, os respectivos autores, se não puderem ser expurgados, como Terêncio (§§ 468-469).

Perpilhão seguiu à letra as palavras do fundador, ao aconselhar o expurgo das obras a estudar, ou até a exclusão total do autor cuja obra seja objecto de expurgo, apresentando inclusivamente o mesmo exemplo de Terêncio:

*Ainda que se deva ter um certo gosto por aqueles que sobressaem pela elegância, deve, no entanto, remover-se toda a obscenidade quer de palavras, quer de situações. E, assim, penso que Terêncio não deve ser proposto aos meninos, apesar de ser um ótimo mestre de latinidade; o que é menos causa de admiração para aquele que, alguma vez, tiver lido Fábio Quintiliano, pois este é de opinião que deve ser interdita àquela idade toda a espécie dos cómicos em geral. (Carta, Cap. V, p. 98)*

Os autores estudados e respectivos textos, que obedeciam às directivas das *Constituições*, encontram-se enumerados, com algum detalhe, na *Carta*, dando uma ideia do que se lia, depois da selecção.

O autor de eleição é Cícero, que não tem qualquer texto que seja necessário evitar, ao contrário de, por exemplo, Terêncio<sup>10</sup>. Pode começar-se com as suas *Cartas*, mais simples e mais adequadas aos meninos e principiantes; para os mais avançados, escolham-se algumas das *Cartas* mais difíceis e algum dos seus tratados: *De officiis*, *De amicitia*, *De senectute*, ou outro, de natureza filosófica, como os *Paradoxa* ou as *Tusculanae disputationes*. Qualquer um destes textos é extremamente proveitoso e deve ser sempre anteposto aos textos de outros autores. Também para os estudos de

---

<sup>10</sup> *Hunc scriptorem qui penitus cognorit, is Terentii fabulas non magnopere desiderabit, maxime cum in illis multa uitanda sint, in Cicerone nihil* (Cap. VI, p. 98).

Retórica se deve privilegiar Cícero, se bem que nem todos os seus livros sobre a matéria sejam igualmente úteis, pelo que se aconselha a adopção, em primeiro lugar, dos *Topica*, a que se seguirão as *Partitiones*; os estudos de Retórica devem completar-se com os livros oitavo e nono de Quintiliano, o outro autor a estudar nesta matéria<sup>11</sup>. Os outros livros de Cícero respeitantes à Retórica, como o *De oratore*, o *Orator* ou o *Brutus*, apesar de serem também de grande valor, podem dispensar-se por repetirem ideias, ou por serem demasiado sucintos nalguns aspectos. O mesmo se passa com alguns livros da obra de Quintiliano, bem como com a *Retórica* de Aristóteles que, além disso, contém informação mais apropriada para eruditos que para os jovens nesta fase da aprendizagem. Para o ensino da Retórica, professores e alunos poderiam também contar com a obra composta para o efeito por Cipriano Soares<sup>12</sup>.

No campo da historiografia, os autores seleccionados são normalmente César, Tito Lívio e Salústio. Entre os textos poéticos, estudem-se passagens escolhidas das *Tristes*, *Pônticas*, *Metamorfoses* ou *Fastos*, de Ovídio; textos de Virgílio e Horácio e ainda poemas seleccionados de Catulo, Tibulo, Propércio e Marcial.

Para o estudo do grego, aconselham-se os textos de Isócrates, Xenofonte, Demóstenes, Homero e, na historiografia, Heródoto, Tucídides, Pausânias ou Eliano.

Estes são, em termos muito gerais, os autores e textos que se estudavam nos colégios da Companhia, nomeadamente no de Coimbra, como demonstra o testemunho autorizado de Perpinhão, que em nada se desviam dos conselhos e das orientações do fundador, expressos nas *Constituições* e nas instruções que regularmente enviava aos colégios já instituídos ou a instituir.

---

<sup>11</sup> *Non ego male puerorum rationibus consulere putarem eum, qui Topica primum, post Partitiones interpretaretur, postremo duos Quintiliani libros, octauum et nonum, quibus quae de elocutione Cicero nimis in pauca coarctauit, uberius et latius dicuntur* ( Cap. VI, p. 100).

<sup>12</sup> Cipriano Soares era natural de Espanha, tendo nascido em Ocaña em 1524. Entrou na Companhia em Portugal, em 1549, e exerceu funções docentes em Lisboa, Évora, Coimbra e Braga, tendo sido colega de Perpinhão em Évora e Coimbra. O seu *De Arte Rhetorica libri tres ex Aristotele, Cicerone et Quintiliano praecipue deprompti ab eodem Auctore recogniti, et multis in locis locupletati* é um manual escrito a partir dos textos dos autores citados no título, com textos seleccionados das suas obras de Retórica.

Tanto cuidado com os livros e os autores justifica-se pelo facto de o ensino assentar no estudo do texto de determinado autor, que se constituía autoridade, pelo que as doutrinas que ele propagava deviam ser as da mais perfeita ortodoxia e decência, de forma a não ferir as susceptibilidades dos meninos, a não os encaminhar na direcção errada e a, pelo contrário, revelar-lhes a doutrina mais fundada e mais certa, de acordo com a Companhia, e a incutir-lhes o culto da piedade e dos bons costumes.

### O relacionamento com os alunos

Tanto a *Carta* como as *Constituições* fazem referência explícita à necessidade de os mestres serem de bons costumes e virtuosos; mas exige-se-lhes também que sejam bons psicólogos; eles devem ser os primeiros a revelar grandeza moral, integridade, honestidade, capacidade de trabalho, justiça; devem ser modelos que inspirem aqueles que lhes hão-de obedecer; mas devem também usar o poder com suavidade e moderação e inspirar respeito filial para criar as bases de uma confiança mútua entre superiores e inferiores.

É preciso saber levar as crianças do modo mais conveniente, com tacto, de acordo com o seu feitio e temperamento; para tal, o mestre precisa de conhecer as capacidades de cada um, precisa de ter também algumas noções de pedagogia, para, por exemplo, não desmotivar os alunos, envergonhando-os ou humilhando-os, mas, pelo contrário, para os incentivar e levar a aprender com gosto, louvando o que estiver bem, criticando sem demasiado rigor o que estiver mal, temperando a repreensão com um discreto louvor, lendo os seus trabalhos publicamente, não elogiando desmedidamente; deve o mestre agir sem demasiado rigor, mas também sem excessiva brandura<sup>13</sup>. Todos estes preceitos são enunciados na *Carta*:

*Mas, em cada uma das categorias, ao emendar quer o oração livre, quer a dominada pelo verso, muitas vezes é mais útil encobrir algumas coisas, dissimulando, do que revelar, compreendendo, todos*

---

<sup>13</sup> Doçura e severidade devem ser as duas principais características do professor para com os alunos. Também Quintiliano, cujos ensinamentos são decisivos para a pedagogia do século XVI, Companhia incluída, se pronunciara sobre esta questão da doçura e do rigor, *Institutio Oratoria*, I, 3 e II, 4.

os erros; e, se algo existir de bom, é preferível louvá-lo, tornando os espíritos dos meninos mais alegres, a, se algo estiver mal, criticá-lo demasiado acretente, expulsando e restringindo todo o entusiasmo dos seus espíritos. A aspereza da repreensão, temperada por um discreto louvor, não só corrige facilmente os erros da escrita, como alimenta a esperança dos meninos e lhes inflama veementemente o entusiasmo. Ainda que deva ser conhecido do professor o talento daqueles que ensina, de modo a acomodar a sua docência à natureza de cada um, a reprimir os que exultam com demasiada licença de palavras, a excitar à ousadia os retraídos e quase envergonhados, a restringir aqueles que se perdem em imoderada fecundidade e abundância e, com cultura, a acrescentar suco e forças aos secos e áridos. Muito benéfico, também, é o facto de cada um pronunciar publicamente as suas orações e poemas, cuidadosamente corrigidos pelo professor. (Carta, Cap. VIII, pp. 108-109)

(...)

Há, com efeito, quem seja estimulado pelo medo e quem o seja mais pela brandura e pelo amor. Mas, a verdade é que deve juntar-se algum medo à humanidade e ao amor, para que os espíritos dos meninos não se tornem preguiçosos, com uma certa dissolução. De tal forma, porém, se deve insinuar um pouco daquela brandura no temor, que não se quebre, por causa do desespero, o ânimo dos meninos. Em verdade, certamente que não pode ser prolongado, nem frutuoso, o trabalho daquele que, como o servo, nunca se entusiasma a não ser com chicotadas e castigos. É, de longe, maior a expectativa em relação àqueles que se inflamam suficientemente de sua livre vontade, que receiam ofender a suavidade do mestre e que são levados por um modesto e honesto louvor. (Carta, Cap. IX, p. 110)

Neste clima de moderação, nem excessivamente rigoroso, a ponto de causar terror, nem excessivamente brando, a ponto de causar desleixo ou orgulho, e para estimular o progresso na aprendizagem, premiavam-se aqueles que se destacavam, que se esforçavam, com o objectivo de serem os primeiros. Diz a Carta (cap. IX, p. 110):

*A estes, portanto, ainda que se lhes deva provocar algum medo, se alguma vez se afastarem da sua tarefa, devem, todavia, de preferência, propor-se prémios, se recitarem maravilhosamente, de memória, algo dentre tudo que aprenderam; se declinarem alguma palavra melhor do que os outros; ou se, na escrita, ou na forma de reproduzirem aquilo que ouvirem, ou na elegância, na facilidade e abundância da explanação, superarem os restantes. Quanto aos prémios, podem ser: um lugar mais ilustre, um louvor mais copioso da boca do mestre, uns livros pintados a ouro e muitas outras coisas desta natureza.*

Em geral, todos os pedagogos deste período estimulam a competitividade entre os alunos, a emulação: os alunos, divididos, na aula, em grupos, as decúrias, disputavam, desafiavam-se uns aos outros, repetiam as aulas, questionavam-se uns aos outros sobre a matéria exposta pelo professor, atentos ao menor deslize dos seus émulos, para os corrigirem e suplantarem, para alcançarem determinado título ou prêmio, que podia ser simplesmente avançar um lugar na sala, passar para uma posição superior, alcançar outro posto na hierarquia, ouvir um louvor do professor. Esta prática, como muitas outras, não é exclusiva dos jesuítas, tem os seus fundamentos nas escolas de Paris, mas não só <sup>14</sup>.

Não era só nas aulas, porém, que os alunos podiam brilhar. Em sessões públicas, como, por exemplo, as comemorativas de alguma data importante, as que celebravam as visitas de importantes personagens da nobreza ou do clero, as de abertura do ano lectivo, ou simplesmente nas disputas semanais, também o podiam fazer: aí, alunos das classes mais elevadas disputavam ou discursavam, e afixavam-se os seus poemas e textos em prosa pelas paredes do colégio; posteriormente vieram a organizar-se grandes celebrações escolares, para distribuição de prémios aos melhores alunos; nestas celebrações eram por vezes representadas peças de teatro, compostas por professores ou alunos e representadas normalmente pelos alunos.

Mas, se havia prémios, se se distinguiam os bons alunos e os cumpridores, havia também castigos para os menos trabalhadores, para aqueles que não cumpriam os seus deveres ou as normas estipuladas pelos regulamentos. Quanto as castigos, as *Constituições* são mais explícitas que a *Carta*, que praticamente não fala deles.

Os castigos físicos eram comuns nesta época em todas as escolas e podiam aplicar-se aos alunos mais pequenos como aos mais velhos; o próprio Inácio, enquanto estudante em Santa Bárbara esteve a ponto de sofrer um destes castigos humilhantes, a *salle*. Os jesuítas adoptaram também esta prática, mas aconselharam moderação, e que primeiro se admoestassem os alunos, que primeiro fossem verbalmente repreendidos (*Vbi uerba ualent, ibi uerbera non dare*); se as palavras não chegassem, passava-se a um castigo humilhante (ficar de pé durante a aula, varrer a sala de aula,

---

<sup>14</sup> J. B. HERMAN, *op. cit.*, pp. 84 e sqq..

descer à categoria inferior, etc) e, se nem isso resultasse, então sim, passar-se-ia ao castigo físico, para o qual deveria existir um corrector de fora. O castigo físico era o último argumento a que devia recorrer-se; o aluno era castigado privada ou publicamente, de acordo com a gravidade da falta cometida, sem que o corrector, no entanto, pudesse dar-se a sevícias ou humilhar desnecessariamente o aluno. Para os alunos maiores de 14 anos, suprimira-se a vara e preferia-se o castigo pela humilhação <sup>15</sup>.

## Metodologia

Aspecto fundamental no método de ensino jesuítico era a prelecção. O professor expunha a matéria, com simplicidade e elegância, começando sempre do mais fácil e avançando para as formas mais complicadas, das formas regulares para as anómalas. Devia manter-se sempre nos limites das capacidades dos alunos da sua classe, não os ultrapassando com considerações demasiado elevadas, nem os rebaixando com coisas demasiado ligeiras ou de pouca importância; as matérias seleccionadas e as explicações deviam ter em atenção a capacidade de aproveitamento deles, de acordo com a idade que tivessem e o nível que frequentassem. Quanto aos comentários do texto, deviam também ser moderados <sup>16</sup>, de acordo com aqueles critérios.

---

<sup>15</sup> F. DAINVILLE, *La naissance de l'Humanisme moderne*. Paris, 1940, pp. 312 e sqq.

<sup>16</sup> F. DAINVILLE (*op. cit.* p. 104) diz a este propósito, referindo também a prática de Perpilhão:

*Par «un usage modéré» le Ratio entendait, comme Érasme, toutes les notions d'histoire, mythologie, géographie, droit et institutions suffisantes à la pleine intelligence des auteurs. Dans la pratique, comme nous l'avons montré ailleurs, cela allait loin. Si loin, que les prélections inédites de Perpilhien consacraient à une quarantaine de vers de Virgile près de cent pages d'érudition. Chargé d'expliquer aux rhétoriciens la Rhétorique d'Aristote, le même professeur écrivait à Muret une lettre, qui nous a été conservée, pour le consulter sur les divisions de cet ouvrage et sur ses rapports avec la dialectique du philosophe. Sous ce grand souffle de vie concrète, les textes morts s'animaient et les élèves en venaient à imaginer si bien les Anciens que converser avec eux leur paraissait «quasi le mesme...que de voyager».*

A prelecção, cuidadosamente preparada em casa pelo professor, para o qual deveria dispor de comentários completos e célebres pela sua erudição, começava pela leitura da passagem a interpretar na aula, ao fim da qual o professor expunha brevemente o argumento, dava a ideia do conjunto, ligava o trecho lido ao que o antecedia e antecipava o que se seguiria <sup>17</sup>.

Sobre este aspecto se manifesta também Perpinhão na sua *Carta* (cap.VII, «De explicandi et audiendi ratione», pp. 101-102):

*Os preceitos de Gramática devem ser explicados de uma forma fácil e clara, sem questões de bagatelas e com numerosas repetições das mesmas coisas. Nos exemplos que se ensinam aos meninos, eu preferia que o professor se ocupasse do modo como eles se devem acomodar ao uso, em vez de os acumular, com grande entusiasmo, todos eles, úteis e inúteis, daqui e dali.*

*(...) e exponham-se aquelas noções que parecerem necessárias para a compreensão da matéria, seja sobre a história da antiguidade, seja sobre as fábulas dos poetas; e não se passe à frente se houver algum artifício notável. Logo que, porém, os meninos estiverem ocupados na aprendizagem dos preceitos da gramática, deve indicar-se-lhes a sua aplicação nos autores.*

*(...) Dos preceitos da gramática, da própria elocução, nada deve ser afluído a não ser se, porventura, ocorrer algo demasiado abstruso. O artifício, quer poético quer oratório, deve explicar-se com a maior diligência com que possa fazer-se. Em todos os graus da docência se deve utilizar uma linguagem elegante, polida e acurada. Entretanto, deve acrescentar-se um certo aparato, maior, seja das palavras, seja dos assuntos, e um ornato mais ilustre, para que, com maior entusiasmo, os espíritos dos meninos se excitem para o estudo. Por outro lado, deve o doutor preocupar-se, em todas as etapas, com que estejam aproximadamente ao nível dos espíritos dos meninos as explicações dos autores, quer pelo próprio género, quer pela quantidade maior ou menor das matérias que expõem, a fim de que se façam progressos no método de interpretar proporcionais à inteligência dos mesmos.*

A etapa seguinte era a memorização. Apresentados os preceitos, as regras, a parte teórica que se tinha descoberto no contacto com os textos, os alunos deviam memorizá-los:

*(...), as regras da gramática, exceptuando aquelas que acima disse dever omitir-se, devem ser, todas elas, memorizadas, bem como*

---

<sup>17</sup> F. DAINVILLE, *op. cit.* p. 98 e sqq..

*os autores, um de prosa, outro de poesia, na medida em que a explicação de outros não superar a mediania; e também as formas de falar e as interpretações mais acuradas de assuntos e palavras. Da arte da retórica, porém, convém reter na memória não todas as palavras, mas as frases, de maneira que os meninos sejam capazes de expor as regras, uma a uma, se não pelas mesmas palavras, ao menos por outras um pouco modificadas. (Carta, cap. VIII, p. 103 e 104)*

Os exercícios de memorização, sempre muito proveitosos, permitiam que os alunos repetissem de cor as matérias, na aula seguinte ou até na mesma aula. As repetições eram, pois, de grande importância também neste método de ensino. Antes de avançar para a exposição da matéria seguinte, o professor fazia repetir, de cor, a lição aos alunos; para que não falasse apenas um deles, o texto era revisto e repetido por partes, depois do que o mestre os questionava para se inteirar da compreensão ou assimilação da matéria (normalmente as questões caíam sobre os mais fracos) e aproveitava para exigir conhecimentos já supostamente adquiridos. Além destas repetições diárias das lições, havia-as também semanais, mensais (abrangendo todas as matérias dadas nesses períodos) e aquelas que antecediam os exames de passagem de nível, trimestrais ou semestrais.

Para ajudar neste processo, deviam os alunos transcrever, em cadernos, tudo o que ouvissem e aprendessem nas aulas, desde que fosse ordenado pelo mestre (este só ditaria o essencial, depois de o ter explicado; as ordens dos superiores da Companhia era que se evitasse o abuso desta prática do ditado e que deviam ser os alunos a seleccionar aquilo que deviam escrever)<sup>18</sup>.

*Trará grande auxílio, porém, seja para a firmeza da memória, seja para a prática de escrever, seja para o conhecimento das mudanças de ortografia, de acordo com os casos, a transcrição prévia, no caderno, de tudo aquilo que houver de ser recitado de memória todos os dias. (Carta, Cap. III, p. 93)*

Mas não só em cadernos<sup>19</sup> se devem transcrever as anotações; elas devem ser também colocadas nas margens dos textos estuda-

---

<sup>18</sup> F. DAINVILLE, *op. cit.* p. 111.

<sup>19</sup> Estes caderninhos serviam para ir tomando os apontamentos da aula, os preceitos, as regras explicadas pelo professor, mas também para ir anotando frases e construções que podiam depois ser utilizadas nas composições (*loci communes*).

dos, em pequenos comentários. Todas estas anotações, porém, quer em cadernos quer nos próprios textos, devem ser frequentemente inspeccionadas pelos mestres, para evitar a divulgação de erros.

*Os meninos, seja qual for a matéria a explicar, a essa, escrevam-na com o maior entusiasmo, em casa, em comentários, com elegante notação das letras, com curiosas observações de Ortografia, nos intervalos e margens mais largos dos versos. Esses comentários inspeccione-os o mestre amiúde, para que, por medo ou vergonha, mais se motivem no zelo e diligência em escrever.*

*Na escola, ouçam, por um lado, o docente preceptor, com a maior atenção, e, por outro, anotem, tanto quanto lhes parecer suficiente, os argumentos dos livros, por ele muito brevemente ditados, no espaço deixado para o efeito antes de cada livro, e interponham, nos próprios versos, no seu lugar, interpretações perifrásticas, de frases ou de palavras; e as formas mais preclaras de falar, que chamam frases, ilustradas pelo mestre por meio de exemplos, e as explicações um pouquinho mais longas das próprias matérias e das palavras, adscrevam-nas nas margens.(...) Quero transferir o mesmo método para o grego. (Carta, Cap. VII, p. 103)*

Esta metodologia está também explicitada nas *Constituições*, quer para os Colégios (IV, §§ 374-:376) e para as Universidades (IV, § 459).

### Exercícios de aplicação

Foi já, em estudos anteriores, suficientemente demonstrada a filiação do método dos jesuítas ao *modus parisiensis*<sup>20</sup>. Característica marcante desse «modus» é o relevo dado aos exercícios escolares, cuja importância se sobrepõe à da exposição dos preceitos<sup>21</sup>.

---

Perpilhão deve tê-lo feito criteriosamente, pois a todo o momento encontramos, nos seus textos, frases e construções de Cícero, autor, como vimos, sobejamente estudado e decorado.

<sup>20</sup> J. B. HERMAN, *La Pédagogie des Jésuites au XVI siècle. Ses Sources. Ses caractéristiques*, Louvain, 1914; F. DAINVILLE, *La naissance de l'Humanisme moderne*. Paris, 1940; G. CODINA MIR, *Aux sources de la pédagogie des jésuites. Le «Modus Parisiensis»*. Roma, 1968; Laszlo Luckács, na sua edição dos *Monumenta Paedagogica Societatis Iesu*. Roma, 1965.

<sup>21</sup> Codina Mir desenvolve esta questão, na obra citada, págs. 111 e seguintes: *La méthode parisienne insiste beaucoup plus sur la pratique et sur l'exercice que sur les préceptes. Usus, non praecepta, semble être la devise des*

Perpilhão dedica um capítulo pormenorizado do seu opúsculo aos exercícios de aplicação, descrevendo-os e exemplificando. Para todas as etapas da aprendizagem, muitos, continuados, precisos, vivos, úteis e diários devem ser os exercícios sobre a matéria dada, seja para a sua aplicação prática, seja para revisão constante e aprofundamento dos conteúdos já leccionados, seja para a progressiva apreensão e compreensão da matéria; os exercícios serão de declinação, de leitura, de composição, de retroversão, de memorização. Não refere a tradução, que também era prática corrente entre os alunos, se bem que não tão frequente como a composição. O capítulo da *Carta* que mais desenvolve e de uma forma mais sistematizada este tópico é o VII («De explicandi et audiendi ratione»), mas já o III (pp. 94-95), sobre o ensino da gramática, adiantara os princípios gerais:

*Daqui, deve subir-se para os rudimentos, sem nunca se interromper o exercício de declinar.(...).Esforcem-se também por escrever e compor algo, todos os dias, ainda que pouco experientes na arte. Quando tiverem passado destes elementos para os géneros e as declinações, devem observar-se as mesmas regras e cada dia se deve acrescentar algum preceito; ouçam alguma passagem de um bom escritor e, o que tiverem ouvido, recitem-no de memória e exercitem-se, flectindo tanto nomes como verbos; e sejam frequentemente questionados sobre os rudimentos e os géneros das declinações e escrevam algo em latim. Daqueles nomes ou verbos, porém, a que falte alguma coisa ou se afastem da flexão comum, devem conservar-se familiares na memória apenas os que, por esta razão, serão, como acima recomendei, descritos e classificados separadamente.*

Das várias etapas da exercitação, as primeiras dizem respeito à declinação<sup>22</sup> e à memorização. A seguinte é a que se relaciona com

---

*pédagogues. Ce n'est pas par l'apprentissage de règles abstraites que les enfants parviendront à parler le latin, mais par l'usage effectif de la langue latine. Les règles on les apprend par la lecture des auteurs. (...) Et ce sera précisément la fréquence d'exercices pratiqués à Paris à tous les niveaux qui pèsera en très grande partie sur le choix des jésuites pour le modus parisiensis.*

<sup>22</sup> O opúsculo de Perpilhão descreve até alguns exercícios possíveis:

*Para estimular a rapidez em declinar, primeiro, fleccionem nomes e verbos apropriados; depois, sem qualquer ordenação, qualquer caso que o professor peça, esforcem-se por apresentá-lo expeditamente; de seguida, fleccionem conjuntamente muitos nomes mas não de uma só categoria, tal como: consilium forte,*

a interpretação e a análise da matéria, consistindo em questionários aos alunos, que devem ser frequentes nas aulas. O professor questiona os alunos, ou estes, divididos em duas frentes de batalha, questionam-se uns aos outros:

*Deve, com efeito, o mestre cuidadoso ter um tempo definido e certo, durante o qual interrogue os meninos sobre os próprios preceitos e sobre os autores. (Cap. VIII, P. 104)*

Também se devem propor exercícios de composição em latim, em todos os níveis, sendo logicamente proporcionais ao conhecimento dos alunos, adequados aos seus conhecimentos, simples. Os alunos devem, se possível, utilizar o vocabulário encontrado em textos de autor já estudados nas aulas.

*(...) ora se devem igualmente propor oraçõezitas breves que, de imediato, se vertam para Latim. Neste aspecto, devem evitar-se as inépcias dos pedagogos comuns, quando inventam certas frases inauditas, não sei de que trevas irrompendo, inúteis para qualquer coisa, excepto para provocar o riso; elas, mal pensadas, ensinam a falar mau latim. É preferível que elas sejam acomodadas aos preceitos da gramática que, antes, tenham sido expostos ou que se exponham, e àquelas palavras que os meninos tiverem visto nos autores. (Carta, Cap. VIII, p. 104)*

A escrita é, pois, de igual forma, um exercício da maior importância, de tal forma que Perpinhão se alarga sobre o assunto, descrevendo a progressão nesta matéria e dando exemplos de variados exercícios:

*A quinta etapa é a da escrita, tanto mais útil que a anterior, na medida em que mais podem aprender toda a matéria escrevendo que falando. Por isso, dedique-se, todos os dias, uma hora à escrita. Escrevam, porém, estando presente o mestre e mostrem-lhe tudo o que tiverem escrito, antes de saírem da escola, para que não possa fazer-se algum erro e se corrija o talento e zelo de cada um. Simultaneamente, que o exercício de versificação dê lugar à oração livre. E, à mesma hora, em dias alternados, realize-se muito convenientemente cada um destes exercícios. (Carta, Cap. VIII, p. 106)*

---

*et prudens; finalmente levem uma pequeníssima oração por todos os tempos, números, pessoas e modos, como: ego lego Ciceronem, ego legebam Ciceronem; tu legisti Ciceronem; tu legebas Ciceronem (Cap. III, pp. 93-94).*

A composição e as versões devem também obedecer a uma gradação de dificuldade; primeiro propõem-se aos meninos exercícios muito simples, como a conjugação de nomes e de verbos; depois frases muito simples que, a pouco e pouco, nomeadamente quando entrarem no estudo da sintaxe, se tornem mais complexas e mais criativas. Em fases mais avançadas, podem já propor-se resumos dos textos poéticos, desenvolvimento de tópicos enunciados pelos escritores, composições de vários tipos de orações, primeiro por partes, depois na íntegra, tendo por modelo Cícero; revestiam-se agora de maior importância as *copia uerborum*, recolha de palavras, frases, construções típicas, adágios, provérbios, enfim, um arsenal de materiais prontos a usar num texto:

*Mas o plano da escrita não deve ser sempre o mesmo. No primeiro tirocínio, devem ditar-se muitas matérias, como os nomes e os verbos, ou como os antecedentes e os relativos, pouco concordantes, para que eles os conjuguem correctamente. Pouco depois, as orações em vulgar, o mais breves possível, para as verterem para latim, porque mesmo sem arte, facilmente serão superiores; se existirem orações com aquelas matérias que tenham sido explicadas sobre algum autor, juntem-se-lhes, de maneira que seja permitido aos meninos utilizar, a pouco e pouco palavras flectidas. Quando, porém se tiver chegado à sintaxe, convém ditarem-se orações mais longas, que sejam não só aptas àqueles preceitos que tiverem ouvido da conjugação das palavras, mas também semelhantes às frases do autor de que falam, a fim de que os meninos se vão habituando, quer a observar os decretos dos gramáticos, quer a utilizar palavras correctas e ilustres.*

*Quando forem mais exercitados na escrita e a sua locução parecer suficientemente corrigida, proponha-se-lhes apenas uma oração brevíssima, em Latim, tirada do meio da vida costumeira, para que seja mais claro e mais fácil de explicar(...). Entretanto, que as narrações e descrições dos poetas e os discursos públicos inteiros, interpostos com personagens fictícias, sejam expostos com palavras e frases oratórias. De vez em quando, que sejam eles próprios a completar de forma perfeita as orações, cujos sumários apenas estão escritos nos textos dos historiadores, assumindo o papel daqueles, por quem se diz que foram tidas.*

*Finalmente, conhecida já a arte de falar, componham-se separadamente os exórdios, as narrações, as confirmações e as perorações, de uma forma muito apropriada à natureza das diversas causas e, ao abordar os argumentos oratórios e outros ornamentos maiores da arte de falar, se vão exercitando. De seguida, passem aos louvores e aos vitupérios e, destes, às deliberações; e daí, finalmente, se lhes for permitido atingir também essa parte, transitem*

*para as causas judiciais. E de tal maneira se habituem a escrever e a falar, que tenham Cícero sempre no espírito e se esforcem, pela imitação, por alcançar uma certa semelhança com ele. (Carta, Cap. VIII, pp. 106-107))*

Todos os dias se faziam composições: o mestre dava o vocabulário e o tema a desenvolver, em latim ou em vulgar, a partir do qual os alunos compunham um texto em latim, em prosa ou em verso, para as classes mais adiantadas, que seria corrigido publicamente ainda nesse dia ou no dia seguinte. Estas composições destinavam-se a levar o aluno a falar e a escrever correctamente o latim, mesmo até de forma nobre e elevada, para lhe dar ares de Antiguidade, imitando de preferência Cícero.

Estas composições, quando se tornam mais trabalhosas, devem constituir trabalho para realizar em casa:

*Mas, estas composições, mais longas ou mais difíceis, não devem ser compostas na escola, antes, levadas e feitas em casa, pensadas e bem polidas; os seus argumentos fornecê-los-ão abundantemente quer poetas, quer escritores. O que tiverem composto seja corrigido pelo mestre, de maneira que, a princípio, ele chame a atenção apenas para os vícios do discurso e, de seguida, não tanto para aqueles, que já não devem ser nenhuns, mas para algo que seja inapropriado, ou poético, ou obscuro, ou estranho, ou ainda contrário, ou mal colocado, ou pouco numeroso, ou outras coisas deste género. (Carta, Cap. VIII, pp. 107-108)*

A correcção dos trabalhos devia nortear-se por dois princípios que orientavam o professor: doçura e severidade; a aspereza da repreensão, quando havia falhas, devia ser temperada por um discreto louvor, para não desmotivar o aluno e levá-lo a querer fazer melhor; por vezes era melhor omitir algum defeito, atenuar a dimensão do erro, para não destruir o espírito dos meninos; por outro lado, o louvor não deveria ser de molde a suscitar um entusiasmo desmedido.

O professor corrigia as composições na própria aula durante a qual se faziam, se não todas (o que era difícil, pois via-as uma a uma, com os seus autores), pelo menos umas sete ou oito, levando o resto para casa. Enquanto o professor ia lendo e corrigindo os trabalhos, os alunos iam fazendo outros exercícios, como traduções, transcrições de textos em prosa ou em verso. Depois, quando corrigia a composição com o respectivo autor, exigia a atenção dos colegas.

Falar era também um exercício importante; verbalizar os conceitos ouvidos do professor era uma forma de melhor os compreender e decorar. Neste domínio, havia repetições constantes, declamações, interrogatórios, disputas. O objectivo era pôr os escolares a falar e a escrever latim

*O quarto exercício é o de falar, que eu não nego ter grande utilidade, mas da seguinte forma: se os meninos devotarem a isso todas as energias, com grande zelo; se falarem sempre bem e polidamente; se, logo que errarem nalguma coisa, forem corrigidos pelo mestre, e se as palavras seleccionadas de cada género, principalmente das coisas comuns, a pouco e pouco, a partir do mesmo, preencherem as necessidades dos ignorantes. Por outro lado, falar continuamente latim, sem cuidado e sem zelo, traz consigo necessariamente o falar mal e incorrectamente. (Carta, Cap. VIII, pp. 105-106)*

Pode começar-se até a falar latim, sem grande conhecimento dos preceitos, apenas ouvindo e imitando o mestre numa conversação simples:

*Mas o esforço deve ser também no sentido de serem todas estas coisas simples e apropriadas à conversação comum; o seu significado deve compreender-se para que, embora não tenham aprendido quaisquer preceitos para a conversação, se vão os meninos logo habituando, todavia, como vemos fazer a algumas aves, a falar latim por imitação. (Carta, Cap. III, p. 94)*

Primeiro pode e deve falar-se em língua vulgar (principalmente nas classes mais baixas, onde se permitia o vernáculo), e só depois em latim. A língua oficial, na aula, nos recreios e até nos arredores do colégio, era o latim, mesmo na ausência do mestre. Não se podia, no entanto, negligenciar o vernáculo e os jesuítas compreenderam que, como o latim não era língua materna das crianças, era preciso utilizar a língua vulgar para a aprendizagem do latim. As explicações eram feitas em vulgar. Mas, ao entrar no estudo das humanidades, deve falar habitualmente latim. Estas e outras orientações são dadas nas *Constituições*(IV, §§ 381 e 456).

Um outro exercício é o da explicação dos autores, passo a passo, numa linguagem correcta, por vezes em vulgar. O professor explica a passagem em estudo na aula, situa-a na estrutura da respectiva obra, antecipa o que se segue; aborda questões gramaticais e estilísticas.

O texto de Perpinhão é muito explícito em questões de metodologia. O estudo deve ser, antes de mais, progressivo, do pouco para o muito, gradual, como dizia Quintiliano, para quem uma criança era como um recipiente de abertura estreita, que era preciso encher gota a gota<sup>23</sup>. Só quando os alunos dominarem determinada matéria se pode e deve avançar para a seguinte. Deve primar pela simplicidade e pela clareza, no início, para que o latim possa ser aprendido por simples imitação. Simultaneamente, porém, era preciso, da parte do professor, competência, rigor científico e moderação, e da parte dos alunos, muita exercitação, pois se aprende fazendo.

Esta era a prática que se seguia no Colégio das Artes, especificamente entre os anos de 1555 e 1561, descrita por Perpinhão no seu opúsculo, composto a pedido de Francisco Adorno, que viria a ser um dos consultores e elementos da equipa responsável pela redacção da *Ratio Studiorum* de 1599, da Companhia de Jesus. Esta prática, como referimos, revela a orientação da Companhia, mas revela também muitos aspectos de continuidade com o que se vinha fazendo até ali, nos anos anteriores, quando o Colégio era orientado pelos «bordaleses» e «parisienses», pois a base comum de todos era o «modus parisiensis».

## BIBLIOGRAFIA

- ÁLVARES, Manuel, *De Institutione Grammatica libri tres*. Olissipone, excudebat Ioannes Barrerius Typographus, 1572.
- BRANDÃO, Mário, *O Colégio das Artes* (2 vols.). Coimbra., Imprensa da Universidade, 1924-1933.
- CARVALHO, Rómulo, *História do ensino em Portugal*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- CHARMOT, F., *La pédagogie des jésuites. Ses principes, son actualité*. Paris, Aux Éditions Spes, 1951.
- DAINVILLE, François, *La naissance de l'Humanisme moderne*. Tome I, Paris, Beauchesne et ses Fils Éditeurs, 1940.

---

<sup>23</sup> Quintiliano é, sem dúvida, um dos autores clássicos que mais influenciou a pedagogia do Renascimento. A ideia referida surge no Livro I da sua *Institutio Oratoria* (1, §§ 27 e 28), ao falar da moderação dos professores.

- GAUDEAU, P. Bernardus, S.J., *De Petri Ioannis Perpiniani uita et operibus (1530-1566)*. Parisiis, apud Retaux-Bray editorem, 1891.
- HERMAN, J.B., *La pédagogie des Jésuites au XVI siècle. Ses sources, ses caractéristiques*. Louvain, Bureaux du Recueil. 1914.
- LAZERI, Petri, *Petri Ioannis Perpiniani Valentini e Societate Iesu Opera* (3 vols.), Romae, Typis Nicolai et Marci Plearini, 1749.
- LAZERI, Petri, *De Vita et Scriptis Petri Ioannis Perpiniani Diatriba*. Romae, Typis Nicolai et Marci Plearini, 1749.
- LOYOLA, Inácio, *Constituições da Companhia de Jesus*. Tradução e notas de Joaquim Mendes Abrantes, S. J., Lisboa, 1975.
- MIR, Gabriel Codina, *Aux sources de la pédagogie des jésuites. Le «modus parisiensis»*. Roma, Institutum Historicum S.I., 1968.
- QUINTILIEN, *Institution Oratoire*. Livre I et II. Texte établi et traduit par Jean Cousin, Paris, Société d'Édition «Les Belles Lettres», 1975 (Livre I), 1976 (Livre II).
- RODRIGUES, Francisco, *História da Companhia de Jesus na Assistêncioa a Portugal*. I-IV. Porto, Apostolado da Imprensa, 1931-1950.
- RODRIGUES, Francisco, *A Formação Intellectual do Jesuíta. Leis e Factos*. Porto, Livraria Magalhães e Moniz Ed., 1917.
- SPINGHETTE, Emilio, S.J., «La Grammatica di Emmanuele Alvares, S.J.», *Humanitas*, vols. XIII e XIV, Coimbra, 1961 e 1962.
- TEIXEIRA, António José, *Documentos para a História dos Jesuítas em Portugal*, Coimbra, 1899.
- TOIPA, Helena Costa, *A obra de Pedro João Perpilhão em Portugal*, ad maiorem Dei gloriam. (tese de doutoramento dactilografada). Faculdade da Letras da UCP, Viseu, 2000.

HELENA MARIA RIBEIRO COSTA TOIPA